

Novos desafios pela frente

Engenheiros e técnicos de segurança celebram seu dia

O reconhecimento e a valorização das profissões e a queda nos acidentes e doenças ocupacionais ao longo de mais de três décadas têm sido vistos como conquistas pelos representantes das categorias. No próximo 27 de novembro, celebra-se o Dia do Técnico e do Engenheiro de Segurança do Trabalho. Embora a missão deles tenha começado bem antes, a data refere-se à Lei Federal nº 7.410, publicada em 1985, que dispõe sobre a especialização dos ESTs e a profissão de TST.

A Lei nº 7.410 é justamente uma das principais conquistas dos TSTs apontadas pelo diretor presidente da Fenatest (Federação Nacional dos Técnicos de Segurança do Trabalho), Hildemar de Jesus Nina, por ter dado reconhecimento e valorização a esses profissionais que, segundo ele, estão sempre na linha de frente quando a missão é a Segurança e Saúde no Trabalho. Outra importante vitória, na opinião dele, é a criação dos sindicatos estaduais, que hoje abrangem praticamente todo o país.

Entre os obstáculos que ainda estão pela frente para os técnicos de segurança, Hildemar cita um mercado de trabalho atualmente paralisado pela crise econômica. Conforme dados divulgados pela Fenatest, existem cerca de 435 mil TSTs formados no Brasil, sendo 102 mil empregados como: celetistas (58 mil), terceirizados (29 mil) e prestadores de serviços (15 mil). Ou seja, 333 mil não atuam na área por não existir campo suficiente para todos. “Com a cri-

se, a falta de emprego ainda é constante no Brasil”, observa.

O diretor presidente da Fenatest ressalta que a criação do conselho de classe, o fortalecimento dos sindicatos, visando ao desenvolvimento de ações voltadas à categoria, assim como o aprimoramento profissional são metas prioritárias a serem alcançadas. “O cenário que aguardamos para os próximos anos depende também do cenário político. Ficamos esperando dias melhores”, afirma.

PARTICIPAÇÃO

Da mesma forma que os TSTs vêm participando ativamente das conquistas na área de SST, os engenheiros de Segurança do Trabalho têm dado fundamental contribuição a esse processo. Entre as principais, o presidente da Anest (Associação Nacional de Engenharia de Segurança do Trabalho), Benvenuto Gonçalves Júnior, cita a participação na aprovação de leis e portarias voltadas à prevenção; parcerias com Ministério Público e Ministério Público do Trabalho, TST, TRT, OIT, Congresso Nacional, Sistema Confea/Crea/Mútua, entre outras entidades e instituições.

“A Engenharia de Segurança do Trabalho foi um dos principais agentes das transformações do Brasil quanto à redução dos acidentes e à gestão dos riscos profissionais nas últimas décadas. Podemos assegurar que a categoria sempre esteve presente em todos movimentos e atividades que

ARQUIVO PESSOAL



Hildemar: linha de frente

ocorrerem no Brasil”, afirma o vice-presidente da Sobes (Sociedade Brasileira de Engenharia de Segurança do Trabalho), Jaques Sherique.

Na avaliação de Benvenuto, os principais desafios para a área são a criação e o desenvolvimento permanente da mentalidade prevencionista em todos os segmentos da sociedade: escola, família, empresas, órgãos públicos e do próprio trabalhador e empresário brasileiro, acrescentando a escolha de políticos comprometidos com a implementação de políticas públicas de gestão em SST.

Sherique acredita que o principal desafio da EST é transformar a profissão em uma atividade da gestão e do controle dos riscos, não apenas dos ambientes laborais, mas de todas as atividades empresariais que demandem o conhecimento desse profissional. Como exemplos, cita prevenção e combate a incêndio, higiene ocupacional, ergonomia e gestão da documentação trabalhista e previdenciária.

TERCEIRIZAÇÃO

Assim como para os TSTs, a situação do mercado de trabalho para os ESTs é um obstáculo a ser superado. “Continua sempre muito reduzido em função da NR 4 (SESMT - Serviços Especializados em Engenharia de Segurança e em Medicina do Trabalho), que define nos seus quadros um número muito elevado de trabalhadores para que seja exigida a presença do engenheiro de Segurança do Trabalho”, opina Sherique.

Nesse sentido, a terceirização irrestrita determinada pela Reforma Trabalhista e a possibilidade de terceirização dos SESMTs

ANEST



Benvenuto: terceirização prejudicial

DIVULGAÇÃO



Sherique: agentes de transformação

PAPÉIS PERANTE O ESOCIAL

O eSocial trará muitos desafios para os profissionais de SST na visão do presidente da Anest, Benvenuto Gonçalves Júnior. O primeiro deles, complementa, é a convivência em harmonia com os demais setores que compõem as organizações, em especial, os departamentos de recursos humanos e pessoal. “A necessidade de se criar, manter e transmitir informações sobre os trabalhadores, os ambientes e as condições de trabalho de forma precisa e em prazo curto requerem, não somente uma estrutura organizada e tecnologicamente preparada para atender às exigências do eSocial, mas, também, profissionais capazes de assimilarem as mudanças e de assumirem seus papéis dentro desse conjunto de engrenagens”, afirma.

Nesse cenário, conforme o diretor presidente da Fenatest, Hildemar de Jesus Nina, o papel do TST será o de informar dados relativos à SST, como os riscos inerentes às atividades dos trabalhadores nos ambientes laborais. “O EST terá papel fundamental no estudo, levantamento e montagem das informações que comporão os eventos obrigatórios, envolvendo temas como os fatores de risco nos ambientes e as atividades desenvolvidas na empresa; as medidas de controle adotadas para neutralizar os efeitos potencialmente nocivos ou insalubres; e os trabalhos executados sob condições

insalubres ou perigosas”, lista Benvenuto.

VALORIZAÇÃO

O presidente da Anest afirma que, considerando-se a obrigatoriedade de envio das informações de SST periodicamente aos entes governamentais que compõem o eSocial, em especial o Ministério do Trabalho e a Previdência Social, mais do que nunca a presença de um profissional habilitado e extremamente qualificado torna-se a base que as empresas precisam para garantir o devido cumprimento de suas obrigações para o eSocial. “Diante do cenário de grande exigência do eSocial e das possibilidades de penalidade das empresas nos casos de descumprimento da legislação em vigor, a expectativa é de que o EST venha a ser valorizado cada vez mais, não somente pelo fato de ser o engenheiro que foca suas ações na preservação da vida do trabalhador, mas também pela importância da exatidão das informações que manipula diariamente”, prevê.

Por sua vez, o vice-presidente da Sobes, Jaques Sherique, lembra que o eSocial não é nenhuma nova exigência ou obrigação para a categoria. “Ele apenas consolida as informações que são produzidas de forma ‘correta ou incorreta’ pelos profissionais especializados. Entretanto o eSocial será um grande mecanismo de controle dessas informações”, ressalta.

vêm sendo avaliadas com preocupação tanto por técnicos como por engenheiros de Segurança do Trabalho. “Hoje avaliamos como uma ameaça para os TSTs”, afirma Hildemar. Segundo o presidente da Anest, Benvenuto Gonçalves Júnior, a ausência de restrições para a terceirização pode vir a criar uma espécie de desvinculação das empresas para com seus trabalhadores. “Os quais passarão a ser de outras empresas, de forma que o nível de investimentos para a manutenção de sua saúde, condição de trabalho e bem-estar poderá ser cada vez menor, gerando um prejuízo direto à qualidade no ambiente de trabalho”, avalia.

Para ele, a terceirização dos membros do SESMT, por sua vez, diante do caráter volátil da mão de obra das empresas terceirizadas, poderá enfraquecer o nível de conhecimento e domínio acerca dos problemas de SST da empresa, considerando-se o potencial de descontinuidade dos contratos de trabalho desses profissionais junto à empresa terceirizada. Na avaliação de Sherique, caso não ocorra o ajuste dos quadros da NR 4, será o fim da categoria dos ESTs, “pois as empresas de consultoria passarão a dominar o mercado, ‘vendendo’ esses serviços ‘casados’ com a Medicina do Trabalho”, prevê.



calçado profissional antiderrapante

Solado Antiderrapante - Tecnologia “SUPER GRIP”

ADEQUADO PARA PISOS ESCORREGADIOS, COM RESÍDUOS DE ÓLEO - SUPER LEVE (EVA)

Os calçados Soft Works são adequados para uso em restaurantes, padarias, hospitais, clínicas, laboratórios, frigoríficos, açougues, abatedouros, limpeza, hotéis e outros lugares com pisos escorregadios.



Light Boot

CA nº 37.390
Ref. BB85
Grade: 34 ao 44

Inovador

- Isolação contra o frio
- Isolação elétrica
- Super Leve (EVA), etc.
- Resistente à produtos químicos D - K - O - P - R
- ABNT NBR ISO 20.347/2015
- Cores ●●●●●

SOLADO SUPER GRIP SRC

ANTIDERRAPANTE

LANÇAMENTO

Classic Works

Ref. BB66 - CA 41.554

1º Calçado EVA com Biqueira Fabricado no Brasil

CA (sem fins de emissão - pedido protocolo 40009.00217/2018-34)
Ref. BB66
Grade: 34 ao 44

- Palminha absorvente antimicrobiana
- ABNT NBR ISO 20.346/2015
- Cores ●●●●●

BIQUEIRA COMPOSITE

Atende a norma NR - 32

Lady Works

CA nº 40.293
Ref. BB95
Grade: 34 ao 40

- Cores ●●●●●

Atende a norma NR - 32

Works

CA nº 31.898
Ref. BB65
Grade: 33 ao 44

- Cores ●●●●●

Atende a norma NR - 32

Tênis Works

CA nº 37.212
Ref. BB80
Grade: 34 ao 44

- Cores ●●●●●

Bota Acqua Foot

CA nº 39.347
Ref. BB86
Grade: 34 ao 44

Inovador

- Isolação contra o frio
- Isolação elétrica
- Super Leve (EVA), etc.
- Resistente à produtos químicos D - K - O - P - R
- ABNT NBR ISO 20.346/2015
- Cores ●●●●●

SOLADO SUPER GRIP SRC

ANTIDERRAPANTE

Solo de costeira emitido pelo IBTTC

Soft Works

CA nº 27.921
Ref. BB60
Grade: 33 ao 44

- Cores ●●●●●

IBTTC

Sapatilha

EVA Embrachado

CA nº 34.061
Ref. BB50
Grade: 34 ao 40

- ABNT NBR ISO 20.347/2015
- Cores ●●●●●

24 ANOS
1994 - 2018

Soft Works

PROFESSIONAL SHOES